



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES:
INTERAÇÕES EM SALA DE AULA

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Mara Cíndia Destri

Constantina, RS, Brasil

2009

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES: INTERAÇÕES EM SALA DE AULA

por

Mara Cíndia Destri

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

Orientadora: Prof. Ms. Andréa Tonini

Constantina, RS, Brasil

2009

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES:
INTERAÇÕES EM SALA DE AULA**

elaborada por
Mara Cíndia Destri

como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA

Andréa Tonini, Ms.
(Presidente/Orientadora)

Ms. Rosane Maria Petrobelli Naht
SMEC/ Constantina

João Luiz Ourique, Dr.
(UFPel)

Constantina, 05 de dezembro de 2009.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES: INTERAÇÕES EM SALA DE AULA

AUTORA: MARA CINDIA DESTRI

ORIENTADORA: Ms. ANDRÉA TONINI

Constantina/RS 05 de dezembro de 2009.

Esta pesquisa busca analisar a concepção de leitura dos alunos de 2º ano que frequentam o ensino médio de uma Escola Pública do Município de Sarandi/RS e elaborar estratégias de como trabalhar a leitura com os referidos alunos. A pesquisa foi realizada com trinta e quatro alunos no ano de 2009 e, através de um questionário, percebemos que todos os alunos realizam algum tipo de leitura, como livros, jornais, revistas, e-mail, demonstrando que eles têm contato com a leitura assim como seus professores. Por outro lado constatamos que, no geral, os alunos caracterizam-se por ter pouca habilidade em leitura o que nos leva a acreditar na dificuldade em atribuir significado à sua leitura. Eles não entendem o que leem o que justifica em muitas situações a aversão pela leitura. Sendo assim, é fundamental que o professor elabore atividades que estimulem o hábito e a aquisição do gosto pela leitura para que os alunos possam atingir o nível proficiente em leitura e sejam capazes de interagir com o texto e não apenas decodificar palavras. Assim sendo, cabe não só ao professor de português resolver o problema, mas a todo e qualquer professor a função de garantir a participação plena de seus alunos na sociedade letrada, conduzindo a leitura como uma proposta renovadora e inovadora. Para desenvolver desde cedo o gosto pela leitura é preciso haver a participação e a presença contínua do professor, que deverá atuar como mediador e ser, antes de tudo, um leitor.

Palavras-chave: Leitura. Metodologia. Formação de leitores.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES: INTERAÇÕES EM SALA DE AULA

AUTORA: MARA CINDIA DESTRI
ORIENTADORA: Ms. ANDRÉA TONINI
Constantina/RS, 05 de dezembro de 2009.

This research analyzes the conception students' reading of second year who attend school in a Public School in the town in Sarandi / RS and devise strategies for working with reading those students. The survey was held with thirty-four students in 2009 and through a questionnaire, we realize that all students perform some kind of reading, like books, newspapers, magazines, e-mail, demonstrating that they have contact with the reading as well as their teachers. On the other hand we notice that, in general, students are characterized by having little skill in reading which leads us to believe the difficulty in assigning meaning to their reading. They do not understand what they read is justified in many situations the aversion to reading. Therefore, it is essential that teachers develop activities that encourage the habit and to acquire the taste for reading to the students to reach the proficient level in reading and are able to interact with the text and not just decoding words. Therefore, it is not only the teacher of Portuguese to solve the problem, but any teacher is responsible for guaranteeing the full participation of students in literate society, leading to reading as a refreshing and innovative proposal. To develop since early taste for reading, there must be participation and the continued presence of the teacher, who must serve as mediator and be, above all, a reader.

Keywords: Reading. Methodology. Formation of readers.

Dedico esse trabalho a minha filha Sabrina que sempre esteve presente quando eu precisei e aos meus netos, Victória e Gabriel, que são a luz da minha vida.

A Deus por todas as oportunidades.

Às minhas amigas, colegas e professoras
Marlene Castoldi Gnoatto e Iracema Miotto pelo
carinho e dedicação.

À minha orientadora, Professora Ms. Andréa
Tonini, por tudo que me ensinou.

SUMÁRIO

1	JUSTIFICATIVA.....	9
2	CONTORNOS TEÓRICOS	14
2.1	Conceito e formação de leitura.....	14
3	METODOLOGIA	20
4	ANÁLISE DOS DADOS	22
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS.....	32
	ANEXOS	34
	ANEXO 01 – Questionário aplicado aos alunos	35
	ANEXO 02 – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	37

1 JUSTIFICATIVA

*“A educação não transforma o mundo
Educação muda pessoas.
Pessoas transformam o “mundo.”*
Paulo Freire

A leitura é uma das ferramentas fundamentais para a formação social e cognitiva do sujeito e é o que o qualifica para sua inserção na cultura letrada. A habilidade de leitura ocupa papel importante na vida humana, em especial no sistema escolar, que tem como um de seus principais objetivos ensinar conceitos por meio de práticas que requerem habilidades de leitura.

Segundo Kleiman (2001), o conceito de letramento que começou a ser pesquisado nos meios acadêmicos para distanciar os estudos sobre o impacto social da escrita em relação ao processo de alfabetização, aos poucos foi se ampliando para *“descrever as condições de uso da escrita, a fim de determinar como eram, e quais os efeitos, das práticas de letramento em grupos minoritários”* (2001, p.16).

O ato de ler será aqui compreendido como processo no qual a interpretação do que é lido depende, não só do que está impresso, mas também das hipóteses do próprio leitor, formuladas com base no seu conhecimento prévio, e do estabelecimento de conexões intertextuais que permite a leitura significativa (Smith, 1978).

Como professora de Literatura no Ensino Médio, a preocupação com a leitura em sala de aula é constante. Com o passar do tempo, 28 anos em sala de aula, precisamos usar de vários tipos de exercícios e atividades, a fim de que os alunos pudessem ter acesso à leitura. Como estratégia para que lessem os clássicos da literatura brasileira, primeiramente apresentávamos a biblioteca da escola, espaço cultural onde deveriam circular com frequência.

Para isso, organizávamos projetos de leitura que envolvia toda a escola e os professores de todas as áreas, culminando na elaboração de textos, contação de histórias, poesias, composição de letra de música, gravação de CD e apresentações.

Na aula seguinte, elaborávamos uma lista de livros os quais eles iam nomeando e a seguir sugeríamos aqueles livros que faziam parte do currículo ou então as chamadas “leituras obrigatórias”. A partir disso, combinávamos com a turma como seria a apresentação das leituras feitas. No início do trabalho, solicitávamos aos alunos que entregassem um resumo por eles elaborado. Com o passar do tempo, fomos adquirindo experiência de sala de aula e, observamos que os resumos eram apenas “cópias” de partes do livro ou então resumos clonados da internet.

Com isso, deduzimos que a grande maioria dos alunos não lia. A partir desse fato planejamos outro tipo de atividade sobre leitura, a fim de que o aluno pudesse tirar proveito do livro que estava lendo, levando em consideração o prazer e a fruição do texto, bem como relacionar as características estruturais dos gêneros literários, as combinações linguísticas possíveis em um texto, a organização das palavras e a criatividade na apresentação do trabalho.

Levamos para sala de aula fragmentos de livros e contávamos para a turma um episódio relevante da história, a fim de motivá-los a realizar a leitura de forma prazerosa. Como conteúdo de Literatura do 2º ano, estuda-se o Realismo, aproveitamos o momento em que a Rede Globo transmitia uma novela, cuja personagem era Capitu para falar-lhes sobre a Capitu.

Apresentamos para a turma a obra Dom Casmurro, de Machado de Assis, escolhemos um capítulo e contamos-lhes em forma de história. Enfatizamos, principalmente, alguns pontos que prendem a atenção e estimulam a curiosidade do leitor como, por exemplo, a fidelidade de Capitu.

Motivados, a maioria dos alunos procurou o livro na biblioteca da escola, realizaram a leitura e, posteriormente, apresentaram suas conclusões aos colegas. Houve pesquisa sobre a vida, obras e características do autor em questão.

O trabalho realmente foi produtivo, pois a grande maioria dos alunos se empenhou em realizar pesquisas em torno do assunto abordado. Houve debates e discussão na turma.

Kock (2003) acrescenta que é preciso planejar aulas de leituras que atendam os requisitos necessários para propiciar ao aluno oportunidades de vivenciar sua própria construção.

Um dos maiores especialistas em leitura, dedicado à educação e formação de novos leitores, Paulo Freire (2005) discute em “A importância de o Ato de Ler”, que

os novos leitores sejam criadores e autônomos de suas interpretações, capazes de se guiarem através do seu interesse. Contrariando a utopia de que a leitura era uma simples decodificação de códigos e repetição de fonemas.

Em outras palavras, a leitura deve ser feita de forma concreta, ou seja, tenha significado com o real do leitor que deixará de ser objeto da leitura para se tornar o sujeito ativo na construção do significado, seja ele de caráter explícito ou não. Para isso, deve-se aprender a ler de maneira eficiente para que leitores/textos/ autores se interliguem em leituras concretas.

Considerando essa realidade nos questionamos: basta o professor saber bem o conteúdo, ter um bom domínio da turma, sugerir vários tipos de obras literárias de diversas épocas, oferecer internet, e-book, para que os alunos dominem efetivamente a leitura e a interpretação?

No decorrer deste estudo, analisamos e refletimos sobre a prática pedagógica, de maneira que pudéssemos diagnosticar o fazer pedagógico, o que para Freire (2005) é interpretado como sendo a “práxis pedagógica”.

De acordo com Vigotsky, a linguagem materializa e constitui as significações construídas no processo social e histórico. Quando os indivíduos a interiorizam, passam a ter acesso a estas significações que, por sua vez, servirão de base para que possam significar suas experiências, e serão estas significações resultantes que constituirão suas consciências, mediando, desse modo, suas formas de sentir, pensar e agir.

Nesse processo de reflexão, começamos a nos dar conta do baixo nível de aprendizagem dos alunos por não dominarem a leitura concreta, crítica e interpretativa. Mesmo cursando o ensino médio, os alunos possuíam uma visão estruturalista, isto é, em que o leitor somente percorre o texto na busca de respostas. Diferente da visão interacionista, em que o leitor passa a ser visto como sujeito ativo porque cabe a ele não só a tarefa de descobrir o significado do texto, mas de inferir sentido a partir de sua interação com o texto.

A sensação de que o trabalho pouco ou nada acrescentava à vida escolar dos alunos era evidente. Constatamos que os alunos apenas liam porque obrigávamos e não por prazer.

Para Paulo Freire (2003: p.7), leitura boa é a leitura que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo que nos interessa viver. E para que a

leitura desempenhe esse papel, é fundamental que o ato de leitura e aquilo que se lê façam sentido para quem está lendo.

Nada substitui a leitura, mesmo numa época de proliferação de recursos tecnológicos como televisão, celular, internet e outros. A leitura é parte essencial do trabalho, do empenho, de perseverança, da dedicação em aprender. O hábito de ler é decorrente do exercício e nem sempre se constitui um ato prazeroso, porém, sempre necessário.

Por esse motivo, o ato de ler pode fornecer ao leitor o acesso à informações, à ampliação do vocabulário, o desenvolvimento da criticidade e o interesse na busca pelo conhecimento sobre assuntos variados que, além de instigar o leitor a pensar criticamente diversas questões, pode impulsionar suas relações sociais.

Devemos recorrer a estímulos para incentivar o hábito de leitura a qual não pode ser vista como uma obrigação, ela deverá ter como princípio não só o prazer mas acima de tudo a necessidade. Para que o aluno goste de ler, precisa entender o que lê, e para compreender, muitas vezes, precisa ser orientado.

Diante da importância da leitura e, independente da concepção de compreensão adotada, consideramos fundamental o diagnóstico da habilidade de leitura dos alunos para que se possa identificar seus limites, bem como seu potencial, posto que é principalmente por meio da leitura que ocorre o acesso ao conteúdo das diversas disciplinas.

Segundo dados de uma pesquisa intitulada “Retratos da Leitura no Brasil”, (Instituto Pró-Livro, 2008), sobre a qualidade de leitura da população brasileira, o Brasil ficou em último lugar em leitura, entre 32 nações. Em 2006, o país classificou-se em 49º lugar entre 56 países, revelando também que o brasileiro lê cerca de 4,7 livros por ano. O Brasil, apesar de todas as campanhas de alfabetização, ainda pode ser considerado um país oral. A maioria da população, ao invés de se informar através de livros ou jornais, prefere conversar, ouvir rádio ou ver televisão.

No Japão, 65% dos japoneses leem jornais, na Noruega 62,3%, na Alemanha 30%, na Eslovênia 25%, nos Estados Unidos 24,9% e no Brasil o índice é de 4,5%, perdendo para El Salvador em que 5,8% da população lê, Costa Rica 4,9% e Chile 4,9%. O resultado pode ser um reflexo da falta do professor-leitor. Segundo números do Ministério da Educação (MEC, 2008) só 26% das escolas brasileiras têm bibliotecas.

Na mesma direção, Lajolo e Zilberman (1991), consideram a literatura como objeto social e argumentam que a literariedade de um texto não reside em sua própria fatura, mas em negociações de sentido entre várias instâncias que acabam por produzir ou criar o sentido de literário para certos textos. Assim, para as autoras, gera-se um “intercâmbio entre esferas, instâncias, formações, tecnologias, saberes, instituições e projetos que integram e delimitam o campo onde um texto se literaliza ou desliteraliza”. (LAJOLO; ZILBERMAN,“(1991, p.9).

Certamente, a existência de práticas letradas numa sociedade configura fator imprescindível para que a leitura e a escrita sejam efetuadas. Conseqüentemente, a presença de escolas, bem como de outras formas de letramento, outros espaços sociais, além dos aspectos políticos que articulam os processos de escolarização são importantes elementos que fazem mediação entre o circuito autores/obras/público.

Portanto, o presente trabalho busca analisar a concepção de leitura dos alunos de 2º ano que frequentam o ensino médio, de uma escola pública do município de Sarandi/RS e traçar estratégias de como trabalhar a leitura com esses alunos.

A natureza deste trabalho monográfico é de estudo bibliográfico e pesquisa de campo, em que foram utilizados como fonte de pesquisa, livros, artigos, periódicos e internet, bem como questionário com o fim de demonstrar os aspectos que levam a despertar o gosto pela leitura nos alunos de ensino médio.

Segundo Freire (2005, p.11) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Em outras palavras, a leitura concreta, por sua vez, tende a ser uma análise crítica do ato de ler, compreensão esta, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas que se antecipa e se alonga na previsão do que se está lendo.

Sendo assim, o ato de ler, antes de tudo, é um ato crítico e aquele que está aprendendo a ler e a escrever, deve ser concebido como o sujeito do conhecimento, ou seja, é por meio das interações que se constrói o contexto.

2 CONTORNOS TEÓRICOS

*Entendo o idioma inconversável das pedras. É aquele idioma que melhor abrange
o silêncio das palavras.*

Sei também a linguagem dos pássaros – é só cantar.

Manoel de Barros

2.1 Conceito e formação de leitura

Diariamente identificam-se várias situações que requerem o uso da habilidade de leitura, desde pegar o ônibus certo, até ler uma bula de remédio corretamente. A leitura está presente em muitos momentos do cotidiano das pessoas.

Nesse sentido, Teberosky e Cardoso (1993) advertem que a sociedade urbana contribui, em muito, para que os conhecimentos linguísticos ocorram por meio de recursos como *out-doors*, televisão, jornais, entre outros meios de comunicação, o que demonstra que a escrita e a leitura não estão restritas à atividade escolar.

Ler é uma habilidade que faz parte do dia-a-dia, entretanto, por mais comum que possa parecer a realização de uma leitura, essa tarefa não é tão simples.

A leitura pode ser sinônima de apenas decifrar os signos do alfabeto, juntar palavras e sentenças. Esse tipo de leitura é suficiente para que haja o mínimo de comunicação entre as pessoas. Porém, dentro de uma visão mais abrangente, ler significa, fundamentalmente, compreender o que foi lido.

Não basta somente decodificar, é preciso que o leitor contextualize e atribua significado à sua leitura. Quando um leitor atinge esse nível de compreensão é considerado fluente ou proficiente, desde que também sejam agregadas outras habilidades relevantes, tais como, velocidade, criticidade, criatividade e motivação (Kopke F^o, 2001; Santos, 1990; Vicentelli, 1999).

O conceito de leitura é amplo, começa com a decodificação e vai até a leitura compreensiva. Esse processo é complexo e abrange várias operações. Sabendo da

complexidade que envolve esse assunto, o que faremos é apresentar algumas definições, segundo alguns autores, de leitura e compreensão.

Para Leffa (1996), ler é extrair significado do texto, é atribuir significado ao texto e a compreensão do ato da leitura. O autor ainda diz que o valor da leitura só pode ser medido depois que ela terminou. A ênfase não está no processo da compreensão, na construção do significado, mas no produto final dessa compreensão.

Quando o autor diz que ler é extrair significado do texto, devemos entender que extrair não significa transferir o conteúdo do texto para o leitor, mas antes se reproduz no leitor, sem deixar de permanecer no texto. Na verdade, o texto não possui um conteúdo, mas reflete-o como um espelho. Um texto pode refletir vários conteúdos, como vários textos podem também refletir um só.

Quanto à aceção de que ler é atribuir significado ao texto, põe-se a origem do significado não no texto, mas no leitor. A qualidade do ato de leitura não é medida pela qualidade intrínseca do texto, mas pela qualidade da reação do leitor. Neste caso, dois elementos distintos, leitor e texto, reagem entre si, num processo de interação para formar um terceiro elemento, que é a compreensão.

Vigostsky (1993) diz que ao ler compreensivamente, a pessoa lê a palavra, mas a relaciona a um significado, neste momento ela estará acionando o pensamento, generalizando e conceitualizando. Como ter acesso a esse processo? A resposta é que não se tem acesso direto ao processo, pois o que se faz é avaliar amostras de indicadores da leitura realizada.

Ao avaliarmos compreensão em leitura é difícil sabermos quais elementos estão envolvidos e o grau de importância desses para a compreensão, por isso, seja qual for o instrumento de avaliação, ele não será perfeito.

Porém há elementos envolvidos como a cognição, o conhecimento de mundo. Não conseguimos saber onde começa um e termina o outro, não se consegue avaliar aspectos diferentes por instrumentos específicos. O que se tenta fazer é estudar as estratégias de leitura utilizadas pelo leitor e o produto dessa leitura, que seria a compreensão do texto.

É sabido que “não se recorre à leitura com o objetivo primeiro de obter formação”. Esta se adquire, através da leitura, em consequência da persecução de outras das suas finalidades. A leitura suscita nos indivíduos

a capacidade de criarem hábitos de pensarem, de desenvolverem a dimensão lógica e racional própria do ser humano, ao longo de toda a sua existência. A leitura exige o desenvolvimento do espírito crítico, que modela a personalidade, é essencial em todas as realizações da vida_ (SILVA, 2000, p.28).

São muitas as evidências que demonstram que os alunos não gostam de ler. Mas sem descobriremos a causa desse problema, não será possível solucioná-lo. O que faz com que os alunos se afastem da leitura? Que leitura é que lhes impõe na escola? De que tempo dispõem para ler? Em que espaço e através de que se apercebem do prazer da leitura? Que contexto aproxima/afasta o livro?

Quando o assunto é “ler ou não ler” especialistas e educadores afirmam que, no Brasil, lê-se pouco. Segundo estatísticas o Brasil concentra 20 milhões de analfabetos e outros 70 milhões de analfabetos funcionais. Como consequência o aluno enfrenta dificuldades as quais interferem no direito de exercer a cidadania, pois a incapacidade de leitura gera também a exclusão social. “Infelizmente a maioria, só lê se obrigado. Outros ainda, a minoria, não lê nem obrigados” (LAJOLO, 1992, p.12).

A escola assume um papel determinante na fase do interesse com o livro, cujo gosto pode se perpetuar por toda a vida adulta. Moreira (1996, p.34) chega a afirmar que “dotar as crianças e os jovens da competência da leitura, por todos os meios disponíveis, logo desde o princípio da escolaridade, e prepará-los para a frequência de bibliotecas é um dos maiores legados ao futuro que a escola de hoje pode facultar”.

Sendo assim, precisamos oportunizar diferentes leituras aos alunos e assim estabelecer uma ampla rede de relações de indivíduo que buscam no universo da leitura, o gosto, o aprendizado e a formação de cidadãos críticos, reflexivos e atuantes.

Kleiman (2001), ao definir os motivos pelos quais os alunos não leem, elenca, ao lado dos aspectos relativos ao funcionamento da sala de aula (foco de atenção do respectivo trabalho), alguns aspectos macroestruturais: o lugar que a leitura tem no cotidiano do brasileiro, a precariedade do espaço de letramento ou a formação precária de um grande número de professores.

Alguns profissionais da área de educação acabam por não se tornarem leitores e, por isso, muitas vezes, não conseguem ensinar seus alunos, uma vez que

vão de encontro ao que defende a autora: para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura.

Defendemos que as mudanças em relação ao ensino de leitura para formação de leitores competentes poderiam ocorrer com uma transformação da concepção de leitura do professor. Todavia, essa transformação teria que ter em sua base uma visão política da realidade brasileira: o professor definindo seu papel ou o redescobrimo, dando ênfase a um ensino de leitura que relacionasse a leitura escolar à leitura crítica do mundo.

É imprescindível que se criem diferentes oportunidades para levar os alunos a ler. Tarefa não muito fácil, mas é possível explorar esse universo e torná-lo atrativo nas escolas com diferentes textos. Despertar o prazer de ler, de descobrir e de crescer intelectualmente, deve ser o objetivo central de toda instituição de ensino e dos professores.

Nesse sentido Smith (1999, p.134), compreende que a concepção para estimular a leitura consiste em:

[...] garantir que a leitura seja acessível e agradável a todas as crianças [...] mostro que elas podem aprender a ler somente pelo uso de materiais e atividades que elas entendam e que desperta seu interesse, que possam relacionar com atividades que já conhecem. Os únicos livros que devem ser lidos para as crianças ou que elas devem ler são aqueles que realmente despertam interesse, que contêm rimas e histórias fascinantes e não prosa desinteressante e artificial a que muitas crianças são obrigadas a prestar a atenção, como por exemplo, ler sobre um dia entediante na vida de duas crianças fictícias ou então ler frases do tipo vovó viu a uva.

A aprendizagem da leitura sempre se apresenta intencionalmente como algo mágico, senão enquanto processo da descoberta de um universo desconhecido e maravilhoso. Parafraseando Freire (1987, p.78), "ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo".

Refletido melhor se poderia dizer: ninguém ensina ninguém a ler. O aprendizado é, em última instância, solitário, embora se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo, naturalmente.

Ser leitor é sentir-se comprometido com seu estar no mundo e com a transformação de si, dos outros, das coisas; é acreditar que se aprende o mundo quando se compreende o que o faz ser como é. (FOUCAMBERT, 1994, p.120).

A leitura é importante em todos os níveis educacionais. Deve ser iniciada no período de alfabetização e continuar nos diferentes graus do ensino. Quanto antes começar, mais sentido fará na vida do aluno-leitor. Constitui-se numa forma de interação das pessoas.

É uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento. Está intimamente ligada ao sucesso do ser que aprende. Permite ao homem situar-se com os outros. Possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências. É também um recurso para combater a massificação executada principalmente pela televisão. Assim, conhecemos o enorme desafio de levar os alunos a gostar de passear pelos livros de, efetivamente, ler.

Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprende por aí, na chamada escola da vida: leitura do vô das arribações que indicam a seca-como sabe quem lê Vidas Secas de Graciliano Ramos- independe da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros. Como entre tais coisas e tais outros incluem-se também livros e leitores, fecha-se o círculo: lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. LAJOLO (1993: p.7)

Através do hábito da leitura, o homem pode tomar consciência das suas necessidades (autoeducar-se), promovendo a sua transformação e a do mundo.

Os sentidos daquilo que se lê são construídos de acordo com a percepção da realidade. Por isso, podemos dizer que, quanto mais consciência tivermos do momento de constituição histórica e social de um texto, mais autonomia o indivíduo terá durante a leitura, uma vez que não há texto ingênuo, não há texto sem intencionalidade. Por outro lado, pode haver leitura ingênua, ou seja, um leitor inexperiente que não relacione as escolhas linguísticas do autor ao lugar que este

ocupa socialmente, pode deixar-se influenciar por uma intenção não explícita de produção de ideias e representações sociais.

Então, podemos dizer que, quanto mais experiente for o leitor, em termos de familiaridade com o texto escrito, mais conscientemente poderá tomar decisões sobre sua própria leitura, fazendo análises, auto-avaliações, ocupando seu lugar e determinando o lugar do autor na produção de determinados sentidos para a leitura. Ou seja, quanto mais proficiente for o leitor mais terá conhecimentos capazes de auxiliá-lo a interagir com a linguagem escrita.

3 METODOLOGIA

“Os analfabetos do século XXI não serão os que não souberem ler ou escrever, mas os que não souberem aprender, desaprender e reaprender.”

Alvin Toffler

Ao serem analisadas as dificuldades na formação de leitores críticos, optamos pela pesquisa qualitativa descritiva de campo, tendo em vista estudos já realizados nessa área como a necessidade de compreender melhor a concepção de leitura dos alunos de 2º ano que frequentam o ensino médio de uma escola Pública do Município de Sarandi/RS e traçar estratégias de como trabalhar a leitura com eles.

Para D'AMBRÓSIO (2004, p.103) a pesquisa qualitativa organiza-se de acordo com as seguintes etapas: “formulação da pesquisa; seleção de locais, sujeitos e objetos; identificação das relações entre estes elementos; definição de estratégias para coleta e análise de dados”.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em uma Escola Estadual de Ensino Médio, do Município de Sarandi, localizada no centro da cidade, possuindo em torno de novecentos alunos matriculados, divididos em três turnos. A faixa etária dos alunos entrevistados varia de 15 a 18 anos.

A coleta de dados foi realizada na turma 202, do turno vespertino, composta por trinta alunos, no período de março a julho de 2009.

Após a aplicação do questionário, analisamos os dados coletados. Nessa fase estabelecemos critérios para fazer recortes desse processo, de forma a compreender a relação entre as interações e o processo de aquisição de leitura.

Segundo FIORENTINI E LORENZATO (2006, p.133).

A etapa de análise das informações obtidas no trabalho de campo, ou levantadas a partir de documentos, é uma fase fundamental da pesquisa. Dela depende a obtenção de resultados e de respostas consistentes e respostas convincentes as questões formuladas no início da investigação.

Consideramos, na avaliação, as dificuldades apresentadas pelos alunos, quanto à leitura e interpretação e buscamos aplicar atividades, visando à superação dessas dificuldades.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A seguir apresentaremos as questões e análises dos dados das respostas dos alunos, sujeitos desta pesquisa.

Na questão, “você se considera um leitor”, trinta e um alunos entrevistados responderam que gostam de ler e leem diariamente, enquanto somente três alunos responderam que não adquiriram o gosto e o hábito pela leitura, justificando a falta de tempo para realizá-la.

Constatamos que os três alunos que não se consideram leitores, são também os que informaram não possuírem nenhum livro em casa.

Referente à questão 2 “qual o tipo de leitura que você habitualmente realiza” 40% dos alunos leem somente livros; 20% leem revistas e jornais, 10% leem jornais, livros e revistas, 25% leem somente jornais e apenas 5%, e-mail.

Essas respostas nos remetem à questão: será que entendem o que leem? A taxa de 40% pode ser considerada satisfatória, porém não ideal, pois a leitura de livros exige do leitor, no caso aluno de 2º ano do ensino médio, um nível avançado de compreensão para entender textos literários, científicos que o aluno será solicitado a realizar para desenvolver projetos, pesquisas, resenhas, dissertações.

Logo, ler é realizar uma interação entre autor e leitor mediada pelo texto e nesta interação, aspectos cognitivos e sociais devem ser levados em conta para se compreender o modo pelo qual foi possível a atribuição de sentidos a um texto. Sendo assim, cremos que a interação pode e deve ser aprendida (ou desenvolvida) na escola.

Quando dizemos que ler é extrair significado do texto, devemos entender que extrair não significa transferir o conteúdo do texto para o leitor, mas sim se reproduzir no leitor, sem deixar de permanecer no texto. A qualidade do ato de leitura não é medida pela qualidade intrínseca do texto, mas pela qualidade da reação do leitor. Daí os dois elementos, leitor e texto, reagem entre si, num processo de interação para formar um terceiro elemento, que chamamos de compreensão.

Aqui começamos a delinear o perfil do aluno. Ao mesmo tempo em que possui características leitoras, tem um grande caminho a percorrer para ser

considerado leitor propriamente dito, pois essa atividade exige trabalho, empenho, perseverança, dedicação.

Sabemos que a compreensão de um texto é um processo o qual se caracteriza pela utilização que o leitor faz dos conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida e, para chegar à compreensão do que leu, para aprender algo novo a partir de uma leitura, é necessário evidenciar os conhecimentos anteriores, relacionando as ideias contidas no texto lido com aquilo que sabe. Durante a aula de leitura ele indague, questione, levante hipóteses, busque e identifique o que é relevante ou secundário na leitura.

Em relação à frequência com que visitam a biblioteca, apenas 10% disseram visitá-la habitualmente, enquanto 87% visitam-na às vezes e 3% nunca a visitam.

Ao analisarmos as respostas dos alunos, constatamos que eles não estão habituados a frequentar espaços sociais e culturais como a biblioteca ou outras alternativas de letramento.

A utilização de outros espaços sociais frequentados por professores e alunos, que não seja somente sala de aula, além de aspectos políticos que articulam os processos de escolarização, representam importantes elementos que fazem mediação entre o circuito autores/obras/público.

Ao refletir sobre esse aspecto, percebemos que as políticas públicas deveriam estar centradas em oportunizar a todos mais espaços culturais como bibliotecas públicas bem equipadas, teatros, museus, cinemas. As escolas deveriam realizar constantes projetos de leitura, envolvendo toda a comunidade escolar com o objetivo de despertar o gosto e a paixão pelos livros.

Sugerem-se períodos de leitura na biblioteca e em sala de aula, hora da poesia, teatro, música, dança, saraus literários a partir das obras lidas, com a participação das séries iniciais até as séries finais.

Acreditamos que, ao realizar um trabalho sério, permanente, comprometido com a formação de leitores críticos e proficientes, contribuimos para transformar e melhorar o cenário pouco promissor do baixo índice de leitores no Brasil e, como consequência, evitar o fracasso escolar que ora se apresenta.

Consideramos fundamental o diagnóstico da habilidade de leitura dos alunos para que se possam identificar seus limites, bem como seu potencial. Segundo Silva, “[...] A leitura exige o desenvolvimento do espírito crítico, que modela a personalidade, é essencial em todas as realizações da vida”.

Verificamos na questão de número 4, “Como você classifica os livros que a escola sugere para as leituras?”, que 60% dos entrevistados classificaram como regular as leituras sugeridas em sala de aula. São muitas as formas de propormos leitura e de variarmos seus objetivos: ler para aprender, ler para obter uma informação, ler para seguir instruções, ler por prazer. Ler para comunicar um texto a outras pessoas, etc.

De acordo com LAJOLO (1993:_p.7), “[...] Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, [...] deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela”.

Os outros alunos, 30%, classificaram os livros sugeridos em bons e muito bons e somente 10% responderam que os consideram ótimos.

Na questão de número 5, que abordava a atualização do acervo da biblioteca, constatamos que 95% dos alunos responderam que a biblioteca é atualizada e 5% responderam negativamente. A predominância das respostas afirmativas causa certa estranheza considerando as respostas da questão anterior, levando-nos a crer que a biblioteca possui livros atuais, agradáveis e que o professor desconhece para fazer a indicação adequada ao gosto literário do seu aluno.

As questões relativas à leitura e aos gostos de ler vêm sendo discutidas há muito tempo. Nos últimos dois séculos, a leitura passou a estar ligada à escrita. E a história de vida do homem, na era moderna e contemporânea, é toda pontuada de documentos escritos. São muitas e diferentes circunstâncias da vida, e todas as formas de ler são relevantes.

É função primordial da escola ensinar a ler, ampliar o domínio dos níveis de leitura e escrita e orientar a escolha de materiais de leitura, principalmente pelo fato dos alunos não possuírem o gosto pela mesma. O ensino da leitura pode ser um dos caminhos para minimizar problemas também relacionados ao baixo aproveitamento escolar, ao fracasso do aluno no ensino fundamental e médio.

É uma realidade que deve continuar desafiando os professores a frequentarem assiduamente as bibliotecas, a estimular a leitura de obras literárias, respeitando a faixa etária e o nível sócio-cultural de cada um.

Quanto ao gênero literário mais apreciado pelos alunos, o romance aparece como sendo o mais lido (90%), contos e poesias também são lidos por 10% dos alunos. Sabemos que é através da aquisição do hábito da leitura que o homem pode

tomar consciência das suas necessidades, promovendo a sua transformação e a do mundo.

Podemos considerar que o aluno do ensino médio, se encontra em fase de transição para a vida adulta, identifica-se com a leitura de romances.

O adolescente, parte desse universo, identifica-se com esse tipo de literatura. Nessa faixa etária se depara com muitos conflitos pessoais, que têm muito a ver com os sentimentos e a vida amorosa. Daí mais uma razão para escolha de romances.

Também houve preocupação na pesquisa para saber como os alunos veem os professores em relação à leitura. Dos entrevistados, 95% dizem que os professores são leitores e sugerem títulos para os alunos lerem. Isso demonstra que é válido estimular os professores a se transformarem em leitores e contadores de histórias, o que certamente, colaborará no processo de aprimoramento da linguagem dos alunos.

É na escola que identificamos e formamos leitores..." Bamberger (1988; p.67). Não podemos nos referir à leitura como um ato mecânico sem a preocupação de buscar significados. Desse modo, é necessário que dentro do ambiente escolar o professor faça a mediação entre o trabalho e o aluno, para que assim sejam criadas situações onde o aluno seja capaz de realizar sua própria leitura, concordando ou discordando e ainda fazendo uma leitura crítica do que lhe foi apresentado.

Daí a importância em se incentivar a leitura e a literatura de modo a permitir ao aluno criar e recriar o universo de possibilidades que o texto literário oferece. Podemos dizer que a escola tem a oportunidade de estimular o gosto pela leitura se consegue promover de maneira lúdica o encontro do jovem com o livro.

A esse respeito Zilberman (2003, p. 16) descreve que:

sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança.

Quanto ao costume de comprar livros e tê-los em casa, 80% dos alunos não compram livros de literatura, preferem locar das bibliotecas. Deduzimos que os professores indicam livros no intuito de estimular a leitura, procurando criar nesses alunos o hábito de adquirir livros.

Podemos justificar que o alto índice dos alunos que têm como preferência ou opção locar livros em bibliotecas é devido às condições econômicas familiares.

A literatura tem sua importância no âmbito escolar, porque é um fenômeno de criatividade, aprendizagem e prazer, que representa o mundo e a vida através das palavras.

Segundo Lajolo (1993, p.7), “Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. [...] lê-se para entender o mundo, para viver melhor [...]”.

Como sabemos, existe um número expressivo de alunos que trabalham em turno inverso para ajudar no sustento da família. Na grande maioria são assalariados, não havendo como incluir no orçamento a compra de livros.

Por outro lado, existem livros de baixo custo e que estão ao alcance de todos, mas entendemos que aí entra outro fator: a prioridade. Muitas vezes, alunos deixam de colocar a educação e a formação como prioridade e isso inclui também a aquisição de livros.

Em relação à concepção de leitura, os professores estão fazendo sua parte na medida em que orientam e sugerem livros para serem lidos, são os mediadores do processo. A pesquisa assinala a necessidade de que sejam desenvolvidos, também, cursos para professores já formados, de modo que estes repensem seus conceitos de leitura e possam projetar ações multiplicadoras que colaborem no sentido de reverter os números preocupantes sobre a leitura no Brasil.

A escola torna-se fator fundamental na aquisição do hábito da leitura e formação do leitor. Mesmo com suas limitações, ela é o espaço destinado ao aprendizado da leitura. Tradicionalmente, na instituição escolar, lê-se para aprender a ler, enquanto que no cotidiano a leitura é regida por outros objetivos, que conformam o comportamento do leitor e sua atitude frente ao texto.

Leituras guiadas por diferentes objetivos, produzem efeitos diferentes, que modificam a ação do leitor diante do texto. Nesse processo, ouvir histórias tem uma importância que vai além do prazer.

Para que o aluno desenvolva uma compreensão efetiva na leitura de textos, são exigidos tempo e investimentos de natureza diversa, seja em termos de

oportunidades de leitura, dos tipos de textos a ele oferecidos para ler ou da diversidade de situações que exigem leitura e interpretação de textos.

Devemos traçar estratégias de leitura visando à compreensão e a análise crítica, adotando a prática de leitura, compreensão de textos argumentativos acadêmicos e não-acadêmicos. Elaborarmos atividades de produção de respostas discursivas as questões de interpretação de textos argumentativos e de produção de resumos, resenhas de textos argumentativos.

Sendo assim, através da aprendizagem da leitura, o aluno desenvolve suas habilidades de reflexão, expande seus conhecimentos e age na sociedade de uma maneira intensa e direta.

Oferecer variados tipos de leituras, reconhecer que ser professor é exercitar a solidariedade e estar aberto à formação continuada e participativa, são os desafios com que a escola do século XXI se depara em relação à questão da leitura. O maior de todos os desafios, porém, é despertar amor, surpresa, percepção do eterno novo cada vez que uma criança ou jovem abrir um livro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.
Foi capaz de interromper o vôo do pássaro
Botando ponto no final da frase.*

Manoel de Barros

Estudos apontam que quanto mais leitura, melhor serão a oralidade e a expressão textual dos alunos, bem como a capacidade crítica de analisar e discernir qualquer assunto, seja ele conteúdo de mera informação até os complexos conteúdos acadêmicos.

Através desse estudo, abordamos práticas pedagógicas que favorecem o trabalho do professor das séries iniciais, do ensino fundamental e médio, no sentido de formar leitores que reconheçam a importância da leitura para a vida, ou seja, a função social da leitura.

O presente trabalho buscou analisar a concepção de leitura dos alunos de 2º ano que frequentam o ensino médio, de uma escola pública do Município de Sarandi/RS e traçar estratégias de como trabalhar a leitura com esses alunos.

O aluno de ensino médio, em sua maioria, não consegue, de forma coerente, formular respostas satisfatórias quando solicitado e elaborar texto sobre o que leu. Como exemplo, podemos citar algumas respostas obtidas no questionário aplicado. Em “falta penpo” acreditamos que ele quisesse dizer “falta tempo”; em “não tenho muito este abito” deveria ser: “não tenho muito este hábito.” Muitas vezes, ainda ele está preso à forma estrutural do texto e não ao todo. Percorre com os olhos somente a linha em que julga estar a resposta. Com isso, perde a significação completa do que está lendo.

Para exemplificar, na questão de número 7, no questionário, foi solicitado: “Com relação aos professores, você os considera leitores? Sim ou não e por quê?”. Um aluno respondeu: “não, porque não costumo ler em voz alta”. Outro respondeu: “não sabeis.”

Concluímos, nesse caso, falhas de fatores ligados à habilidade de leitura e compreensão, ou seja, o aluno deveria ser capaz de extrair e atribuir o significado ao texto, mas não respondeu com clareza às questões abordadas na entrevista. Outros demonstraram, através de suas respostas, que não entenderam bem a pergunta e, conseqüentemente, elaboraram respostas evasivas que pouco ou nada tinham a ver com a questão.

Transferindo para a sala de aula, podemos questionar qual o desempenho desse aluno nas outras disciplinas, se não consegue interpretar uma simples pergunta?

Ficou claro que, no trajeto escolar desse aluno, algo aconteceu. Por apresentar lacunas, pode ter sido excluído do processo ou nenhum professor aplicou estratégias que pudessem contribuir para saná-las no processo de aquisição do hábito de ler. O aluno chegou ao ensino médio sem possuir habilidades linguísticas básicas. E aí o que fazer?

Como estratégias para o professor trabalhar a leitura com os alunos, sugerimos estimulá-los através de exercícios de elaboração de frases, construção de vocabulário a partir do uso do dicionário, intensificação da leitura com textos curtos, em que o aluno possa dizer o que leu em forma de relato oral e depois escrito, envolvendo-os nos mais variados processos de leitura. Introduzir o aluno nas técnicas de leitura visando reflexão e pesquisa. Oportunizar o (re)conhecimento dos gêneros textuais artigo de opinião, artigo científico e monografia acadêmica.

Promover uma prática intensiva de leitura e análise linguística de textos exemplares desses gêneros. Proporcionar uma reflexão acerca da funcionalidade de tais gêneros e de suas formas de composição. Propiciar uma prática de produção de artigos de opinião e monografias acadêmicas.

Também colocá-los diante de outros espaços culturais, que não seja exclusivamente a sala de aula. Como exemplo, a participação em Jornadas Literárias, Seminários de leitura, Feiras do Livro, contação de histórias, concursos de redação, teatro, declamação de poesias, saraus literários.

A partir dessas atividades esperamos conseguir transformar o hábito de ler em um comportamento de leitura que perdurará mesmo quando esses alunos abandonarem o ensino formal ou concluírem seus cursos. Sugestões que certamente ajudariam a melhorar o desempenho escolar.

Podemos constatar através desse trabalho que, a concorrência com as tecnologias de informação, o baixo poder aquisitivo dos alunos, o déficit educacional, bibliotecas ineficientes, a falta de estímulo e o despreparo do professor afastam o aluno dos livros. Há, porém, sinais animadores. Livros, revistas e jornais são lidos pelos alunos. Porém, num cenário em que os brasileiros leem apenas 4,7 livros por ano, quando a média mundial recomendada pela Unesco é de 28 obras por período, demonstrando que somos um país com fome de leitura.

Assim, pesquisadores acreditam que uma das soluções para o analfabetismo cultural esteja nos professores. Eles precisam ser incentivados a fazer uma nova universidade, a da leitura.

É primordial analisarmos os fatores que impedem a formação de sujeitos leitores para que possamos traçar caminhos de renovação e qualificação na prática pedagógica relativa à leitura. A leitura sempre teve e tem um papel social de grande interferência na sociedade.

Os professores, de um modo geral, e em especial os de português e literatura, procuram incentivar a leitura através de várias atividades culturais, resultantes de um longo processo de trabalho, nem sempre suficientes para construir um Brasil que lê.

Uma das conclusões que ficou evidenciada é que alunos e professores leem. E a pesquisa apontou que nesse processo, por ser abrangente e envolvendo várias operações, desde a decodificação até a leitura compreensiva que é esta que deixa a desejar.

Muitas vezes, os alunos percorreram um longo caminho dentro do espaço escolar e permanecem lacunas consideradas básicas a fim de que alcancem o nível necessário de leitura e compreensão. Se o professor identificar as dificuldades, no decorrer do processo e essas forem trabalhadas com dedicação e empenho, poderão ser supridas.

Dados como esses traçam um viés de que as circunstâncias evidenciam um quadro que reflete não só a falta do professor-leitor nas séries iniciais, ensino fundamental e médio, mas em todo o contexto vivenciado pelo aluno. Acreditamos que a escola e os professores têm o compromisso de otimizar as condições de ensino e de aprendizagem da leitura.

A bagagem cultural que traz consigo, a vivência de mundo e o incentivo que recebe para a leitura devem permitir ao educando que ao concluir o ensino

fundamental e médio, esteja preparado para ler e interpretar fluentemente todo e qualquer texto que se apresente.

Em continuidade, entende-se que as estratégias a serem utilizadas para melhorar o desempenho do aluno quanto às habilidades de leitura, comprovam a necessidade de desenvolver atividades fundamentadas no diagnóstico dos alunos, a fim de garantir a eficácia das mesmas e através de um processo contrastivo, identificar quais as que oferecem melhores resultados no aprimoramento do desempenho dos mesmos.

Com essa pesquisa, além das considerações já citadas, esperamos conscientizar professores e alunos sobre as múltiplas possibilidades existentes de leitura de qualquer texto e desejar a transformação social brasileira, a partir da apropriação de ideias nelas contidas e a transformação no comportamento vital estimulador de mudanças do estudante brasileiro frente à leitura.

Sabemos que as dificuldades para se ter um leitor crítico na escola são muitas, seja falando dos professores ou dos alunos. Essas diferenças originam-se em questões históricas e socioeconômicas centradas no professor-leitor-mediador.

Portanto, as sugestões apresentadas são norteadoras, mas devem ser adaptadas a cada situação particular e constantemente enriquecidas.

“A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede”.

Carlos Drummond de Andrade

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richarde. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo, 1988.

BARROS, Manoel. **Exercícios de Ser Criança**. Salamadra, 2000

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Educação Matemática da teoria à prática**. 11 ed. Campinas, São Paulo: Papirus,1996.

FIORENTINI, D; LORENZATO, S. **Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos**. Campinas: Autores Associados, 2006, p.133

FOUCAMBERT. J. (1994).**A Leitura em Questão**. Porto Alegre: Artes Médicas;

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1993;

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 9 ed.,Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1987, p.78

KLEIMAN, Ângela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: KLEIMAN, Ângela B. (org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. 3. reimpr. Campinas: Mercado das Letras, 2001. 294 p., p.15-61

KOCH, Ingedore G Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

KOPKE Fº, H. (2001). **Estratégia em representação da leitura Conhecimento e uso por professores de língua portuguesa**. Tese de Doutorado não-publicada, Programa de Pós-graduação em Lingüística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A leitura rarefeita: Livro e Literatura no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LAJOLO, Mariza. 1994. **Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**: Editora Ática.

LEFFA, Wilson. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolingüística**. Porto Alegre, Sagra Luzzato, 1996.

SILVA, Ezequiel Theodoro da Unidades de Leitura. **Triologia Pedagógica**. (2ª Edição)Campinas,SP:Autores Associados,2006.117 páginas;

SILVA, Lino Moreira.1996. **Bibliotecas Escolares- Um contributo para a sua Justificação, Organização e Dinamização**. Livraria Minho

SMITH , F.**Leitura Significativa**.Trad.Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Arned,1999.p.01-66;

TEBEROSKY, A & Cardoso, B. (1993). **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita** (5ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

VIGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.

_____. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

ANEXOS

ANEXO 01 – Questionário aplicado aos alunos

Prezado aluno (a):

Convido você a responder o questionário abaixo, cujo objetivo é saber qual a concepção de leitura dos alunos do 2ª ano do ensino médio. As respostas dadas por vocês contribuirão para o meu trabalho monográfico, do Curso de Pós-Graduação a Distância, Especialização Latu-sensu em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria.

Agradeço a colaboração.

Professora Mara Cíndia Destri

Graduada em Letras, Licenciatura Plena e Especializanda em Gestão Educacional.

Escolha somente uma alternativa.

1. Você se considera um leitor? SIM () NÃO ()
Por quê?.....

2. Qual o tipo de leitura que você habitualmente realiza:
 - a) jornais
 - b) revistas
 - c) livros
 - d) e-mail
 - e) MSN
 - f) outros:quais?

3. Com que frequência você visita Bibliotecas:
 - a) Sempre
 - b) às vezes
 - c) nunca

4. Como você classifica os livros os livros que a escola sugere para as leituras:
 - a) bons
 - b) muito bons
 - c) regulares
 - d) ótimos

5. Na escola que você frequenta, a Biblioteca possui um acervo de livros atuais?
SIM () NÃO ()

6. Com relação ao gênero literário, qual o tipo de livro que você realmente gosta de ler:
- a) romance
 - b) conto
 - c) poesia
 - d) ficção
 - e) outro: qual:
7. Com relação aos professores, você os considera leitores?
SIM () NÃO ()
Porque?.....
8. Quantos livros você lê durante o ano
- a) um
 - b) dois
 - c) três ou mais, Quantos?
9. Você costuma comprar livros?
SIM () Não ()
10. Quantos livros de literatura você tem em casa?
- a) nenhum
 - b) um
 - c) dois
 - d) três ou mais, Quantos?

Obrigado pela atenção.

Abraços

Professora Mara Cíndia Destri

ANEXO 02 – Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CENTRO DE EDUCAÇÃO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Processo de formação de leitores: interações em sala de aula

O(a) senhor(a) _____
está sendo convidado a participar de um estudo no qual será entrevistado (a)
com o objetivo _____

_____.

Serão previamente marcados a data e horário para a aplicação de um questionário com questões abertas e fechadas. Não é obrigatório responder a todas as perguntas.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos por envolverem apenas questões de opinião dos envolvidos.

A sua identidade será preservada, pois cada indivíduo será identificado por uma letra e/ou número.

As pessoas que estarão acompanhando serão a acadêmica de Pós-graduação em Gestão Educacional Mara Cíndia Destri e pela Professora Andréa Tonini da UFSM.

Solicitamos a vossa autorização para o uso de seus dados para a produção de um trabalho monográfico. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome.

Agradecemos a vossa participação e colaboração.

Acadêmica Responsável: _____

Dia: _____